

«quando diminui o prestígio da linguagem,
aumenta o do silêncio» (Susan Sontag).

Devemos confessar: precisamos do silêncio! Precisamos dele de um ponto de vista puramente antropológico, porque o homem, que é um ser de relação, comunica de modo equilibrado, apenas, graças à harmónica relação entre palavra e silêncio.



a profecia do silêncio

SE, NA NOSSA SOCIEDADE, "o homem se tornou um apêndice do ruído" (Max Picard), torna-se cada vez mais urgente a exigência de cada um reencontrar a sua própria humanidade, através da redescoberta do silêncio e da aprendizagem da antiquíssima arte de "ouvir o silêncio". Empreendimento, certamente, nada simples, quando já Heráclito definia os seus próprios semelhantes como "incapazes de ouvir e de falar": desde então, talvez, tenhamos a impressão de ter avançado na capacidade de falar, mas o certo é que, quanto à escuta, parecemos ter regredido séculos. Estamos a precisar de uma pedagogia da escuta, que só pode iniciar-se a partir do silêncio. Sim, "ouvir o silêncio" pode parecer um oxímoro, mas é a chave para entrarmos no mundo da escuta autêntica e da compreensão do que se sente. A tradição espiritual, e não só a cristã, sempre reconheceu a essencialidade do silêncio para uma vida interior autêntica. "A oração – disse Savonarola, entendido em discursos apaixonados – tem como pai o silêncio e como mãe a solidão". Só o silêncio, de facto, torna possível a escuta, isto é, o acolhimento, em si, não apenas da palavra pronunciada, mas também da presença daquele que fala. O silêncio é uma linguagem de amor, de profundidade, de presença do outro. Além disso, na experiência amorosa, o silêncio é, muitas vezes, uma linguagem mais eloquente, intensa e comunicativa do que as palavras.

Infelizmente, hoje em dia, o silêncio é raro, talvez seja a realidade mais ausente nos nossos dias: somos bombardeados por mensagens sonoras e visuais, os ruídos tiram-nos da nossa interioridade, e as próprias palavras são empobrecidas pelo facto de serem gritadas, reduzidas a slogans ou invectivas.

Ora, "quando diminui o prestígio da linguagem, aumenta o do silêncio" (Susan Sontag). Devemos confessar: precisamos do silêncio! Precisamos dele de um ponto de vista puramente antropológico, porque o homem, que é um ser de relação, comunica de modo equilibrado, apenas, graças à harmónica relação entre palavra e silêncio.

Mas precisamos do silêncio também do ponto de vista espiritual. Para a fé judaica e cristã, o silêncio é uma dimensão teológica: no monte Horeb, o profeta Elias percebeu que estava na presença de Deus, não pelo estrondo do vento, trovões e terremoto, mas somente quando se ouviu "a voz de um silêncio subtil" (1Rs 19, 12). Inácio de Antioquia diria que Cristo é "a Palavra que procede do silêncio".

Não se trata, simplesmente, de uma abstenção de falar, ou da ausência de ruídos, mas sim do silêncio interior, aquela dimensão que nos restitui a nós mesmos, nos coloca no plano do ser, diante do essencial. "Ao silêncio, é inerente um maravilhoso poder de observação, de esclarecimento, de concentração sobre as coisas essenciais" (Dietrich Bonhoeffer).

O silêncio é o guardião da interioridade, já que nos conduz de uma dimensão primária e "negativa" de sobriedade, disciplina no falar ou, mesmo, de abstenção de palavras, a um nível mais profundo, de intensa vida espiritual; isto é, um nível em que silenciemos os pensamentos, as imagens, as rebeliões, os julgamentos, as murmurações que nascem no coração. É o difícil silêncio interior, aquele que encontra o seu próprio âmbito vital no coração, lugar da luta espiritual. Mas é, precisamente, esse silêncio profundo que gera a atenção, o acolhimento, a empatia em relação ao outro.

O silêncio escava no mais íntimo de nós um espaço para ali fazer habitar a alteridade, para fazer ressoar a palavra e, ao mesmo tempo, dispõe-nos à escuta inteligente, ao falar comedido, ao discernimento daquilo que arde no coração do outro, e que está escondido no silêncio do qual nascem as suas palavras. Então, esse silêncio suscita em nós a caridade, o amor pelo irmão.

"O silencioso torna-se fonte de graça para quem ouve", afirma São Basílio. Para o cristão, a referência à escuta obediente da Palavra de Deus, ao acolhimento do Verbo feito carne, é evidente e extremamente eloquente.

Não por acaso, é esse silêncio que nos chega oriundo de uma longa história espiritual: é o silêncio buscado e praticado pelos monges hesicastas, para obter a unificação do coração, o silêncio da tradição monástica votada ao acolhimento em si da palavra de Deus, o silêncio da oração de adoração da presença de Deus. Mas também é o silêncio caro aos místicos de todas as tradições religiosas e, antes ainda, é o silêncio do qual a linguagem poética está embebida, o silêncio que constitui a própria matéria da música, o silêncio essencial a todo o ato comunicativo.

O silêncio, evento de profundidade e de unificação, torna o corpo eloquente, levando-nos a habitar o nosso corpo, a alimentar a nossa vida interior, guiando-nos para aquele *habitare secum* tão precioso para a tradição monástica como para a filosófica. O corpo habitado pelo silêncio torna-se revelação da pessoa no seu todo.

Tentemos, então, encontrar, no ritmo da nossa vida, um tempo para ouvir o silêncio: conseguiremos captar os esforços realizados para criá-lo e estimá-lo, discernir os sons imperceptíveis da presença de outras criaturas ao nosso lado, compreender o não dito que habita a grande quantidade de palavras, tornar inteligíveis os acontecimentos – ou seja, literalmente, "ler dentro" dos eventos – e, finalmente também, ouvirmo-nos melhor a nós mesmos e aos outros, quando eles falam ao nosso coração e à nossa mente, e não apenas aos nossos ouvidos.

ENZO BIANCHI, monge e teólogo italiano, prior e fundador da Comunidade de Bose, em artigo publicado no jornal *Avvenire*, dos bispos italianos, 29-08-2013.

Leitura do Livro do Génesis

Naquele tempo, o SENHOR disse a Abraão:

«Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.

... abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem ... E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.

Abraão partiu, como o SENHOR lhe tinha dito ... Quando saiu ... tinha setenta e cinco anos. Levou consigo Sara, sua mulher, e Lot, filho do seu irmão, bem como todos os bens que possuía e quanto tinha adquirido em Haran, e partiram todos para a terra de Canaã, aonde chegaram. Abraão percorreu-a até ao lugar de Siquém, até aos Carvalhos de Moré, viviam ali os cananeus, e o SENHOR apareceu a Abraão e disse-lhe: «Dar-te-ei esta terra ...». E Abraão construiu ali um altar ao SENHOR.

Deixando esta região, foi depois até ao monte situado a oriente de Betel, e montou ali as suas tendas, ficando Betel ao ocidente e Ai ao oriente. Construiu também aqui outro altar ao SENHOR, invocou o seu nome, e continuou depois viagem, acampando aqui e ali...

Houve fome naquela terra. Como a miséria era grande, desceu ao Egipto e aí vive algum tempo. Quando Abraão chegou ao Egipto, os egípcios notaram que a sua mulher era muito bonita» (Gn 12, 1-14).

«Abraão saiu depois do Egipto em direção ao Négueb, com sua mulher e tudo quanto possuía, e fixou-se em Canaan. (13,1)»

Tinha Abraão já noventa e nove anos e o Senhor apareceu a Abraão. ... Estava ele sentado à porta da sua tenda, na hora quente do dia, Abraão ergueu os olhos e viu três homens, a pé, que caminhavam para ele. Correu imediatamente da entrada da tenda ao seu encontro, prostrou-se na terra e disse: «Senhores! Se mereço o vosso favor, peço-vos que não passeis adiante, sem parar em casa deste vosso servo. Permite que mande trazer um pouco de água para vos lavar os pés; e descansai debaixo desta árvore. Vou buscar um pouco de pão e, quando as vossas forças estiverem restauradas, prosseguireis o vosso caminho, pois não deve ser em vão que passastes diante de mim.» Eles responderam: «Faz como disseste.»

Abraão foi, sem perda de tempo, à tenda onde se encontrava Sara e disse-lhe: «Depressa! Amassa já três medidas de “flor de farinha” e coze uns pães no borralho.» E correu ao rebanho, escolheu um vitelo dos mais tenros e gordos e entregou-o ao servo, que imediatamente o preparou. Tomou manteiga, leite e o vitelo já assado e colocou-o diante deles. E ficou de pé junto dos estranhos homens, debaixo da árvore, enquanto eles comiam.» (18,1-8).

«Depois de tudo isto, o Senhor disse a Abraão: «Irás em paz reunir-te a teus pais e serás sepultado numa ditosa velhice (15,15)».

«Tinha Abraão 175 anos, quando morreu de facto numa ditosa velhice: de idade avançada, foi reunir-se aos seus. (25,7)».

Bilhete de identidade

Morreu o TiRei! [30/04/18]

Foi ele uma espécie de Abraão do meu tempo.

QUANDO OUVIU UMA VOZ A DIZER-LHE “Deixa a tua terra e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar”, veio mesmo lá de cima, de Trás-os-Montes, de Carviçais, e arribou aqui. Não sei, pouco mais traria que a sua mulher muito bonita. Como fez Abraão.

Lá em cima, perto de Carviçais, deixou a capela de Santo Antão da barca, nos fundos do rio Sabor.

Fui lá com ele há uns 10/15 anos.

Ao fim de muitos anos, julgo que em 2016, levaram a ermida para o alto da Serra – dizem que “pedra a pedra”. Prometi há pouco tempo ao Ti Rei que o levaria lá este Verão. Já não levo... A vida tem destas coisas!

Chegado aqui, vindo lá de cima, montou a tenda, os filhos, julgo que todos, chegaram depois, e em devida altura começaram a chegar-lhe também à mesa não três, mas muitos mais, gente nova que começava a entender o que estava a acontecer.

E logo TiRei dizia à rainha, como Abraão: «Depressa! Amassa já três medidas de “flor de farinha” e coze uns pães no borralho!». Logo, à frente, foi preciso dar de comer a crianças que, aos sábados e domingos, na catequese, desmaiavam com fome, atender os idosos que não tinham onde jogar as cartas, e muitos outros que se acolhiam na “Etiópia aqui ao lado”. Mas tudo se arranjava na casa do Rei... Apareceu até uma garagem ali ao lado, vazia..., alugou-se...

O Ti Rei e a sua mulher muito bonita foram dos primeiros cabouqueiros de uma realidade chamada Comunidade e sua Partilha Fraternal, que nascia *“do desejo e da busca de uma vida mais humana do que aquela que as comunidades eclesiais mais amplas podem revestir, sobretudo nas grandes metrópoles urbanas contemporâneas”*, como percebeu e escreveu o Papa Paulo VI.

Descansa em paz, TiRei, nós queremos ir ter contigo!

Pe. Arlindo de Magalhães, 2 de maio de 2018



Para ser um bom *núncio apostólico*, basta amar a Igreja, ter uma boa formação teológica e canônica, e ter as aptidões diplomáticas necessárias.

quando teremos núncios apostólicos leigos?

O antropólogo e padre jesuíta LUDOVIC LADO reflete sobre o clericalismo na Igreja. O artigo é publicado por *La Croix International*, 16-04-2018.

A Santa Sé é uma entidade soberana independente, localizada no Estado da Cidade do Vaticano. E, como tal, acolhe embaixadores e credencia-os para outros Estados do mundo. Os diplomatas do Vaticano ou da Santa Sé têm o título de “núncios apostólicos”.

Como diplomatas, estabelecem uma ligação entre o Estado ou os Estados que representam, a Igreja local e o Vaticano, particularmente no que diz respeito aos interesses da Igreja Católica.

Desempenham um papel decisivo na nomeação dos bispos.

Embora o papel do núncio tenha um objetivo apostólico, como o seu próprio título indica, ele também tem uma poderosa dimensão política.

Muitas vezes, pergunto-me por que não há núncios apostólicos leigos.

Os núncios, geralmente, têm a categoria de bispo, o que significa que são, necessariamente, escolhidos dentre as fileiras do clero. Por sua vez, isso também significa que têm de ser, necessariamente, homens.

Portanto, é um dos papéis mais clericalizados na Igreja. E tenho, realmente, que me questionar: porquê? Haverá alguma razão bíblica ou teológica para isso? Não consegui identificar nenhuma razão plausível.

Inicialmente, Jesus tinha, simplesmente, discípulos que enviava em missão com a seguinte advertência:

“Eis que vos envio como ovelhas para o meio dos lobos. Sede, pois, perspicazes como as serpentes e cândidos como as pombas. Precavei-vos das pessoas: entregar-vos-ão ao sinédrio, e nas sinagogas deles vos darão chicotadas. Perante governadores e reis sereis trazidos, por minha causa, como testemunho para eles e para os pagãos. Quando vos entregarem, não vos preocupeis sobre como ou sobre o que falar: ser-vos-á dado naquela hora o que dizer. Não sois vós a falar, mas sim o espírito do vosso Pai a falar em vós.” (Mt 10, 16-20).

No tempo de Jesus, a Igreja não tinha nenhuma superestrutura política. Além disso, a Bíblia não contém nenhum indício de forma de relação diplomática entre Jesus e Herodes, muito menos com Pilatos.

Pelo contrário, as únicas relações de Jesus com eles eram distantes e, muitas vezes, tensas. Lembremos o episódio com Herodes, no Evangelho de Lucas:

“Naquela altura, aproximaram-se dele alguns fariseus que lhe disseram: ‘Vai-te embora e sai daqui, porque Herodes quer matar-te.’ E Jesus disse-lhes: ‘Ide dizer a essa raposa: eis que expulso demónios e realizo curas, hoje e amanhã; ao terceiro dia, terei chegado ao meu termo. Mas hoje, amanhã e depois devo seguir o meu caminho, porque não é possível que um profeta morra fora de Jerusalém.’” (Lc 13, 31-33).

Resumindo: as lideranças políticas não conseguiam suportar Jesus.

Sabemos, também, que as primeiras comunidades cristãs foram submetidas a ferozes perseguições, por parte das autoridades políticas do Império Romano, que se prolongaram até à conversão de Constantino no século IV.

Facto que marcou um ponto de viragem decisivo no posicionamento político que a Igreja adotaria, enquanto assumia, progressivamente, os contornos do império.

O facto de a Igreja ter acabado por se conceber como uma entidade política, a ponto de ter embaixadores como outras entidades políticas, é resultado desta eclesiologia pós-constantiniana.

O papel do nuncio como membro do clero, que cuida dos interesses da Igreja em relação a um Estado, faz parte desta evolução histórica. Em grande parte, orienta-se por uma lógica de pragmatismo.

Continua a ser, no entanto, uma função clerical, por estar enraizada numa tradição eclesial, em que o exercício da autoridade é eminentemente clerical, e em que o poder é tradicionalmente mantido pelo clero.

A forma perversa desse poder clerical é o que conhecemos como clericalismo.

Desde o início do seu pontificado, em várias ocasiões, o papa Francisco alertou o clero contra o clericalismo que, na sua opinião, “destrói pouco a pouco o fogo profético do qual toda a Igreja é chamada a dar testemunho”.

Este clericalismo destrói os carismas dos leigos, em vez de os discernir.

Pessoalmente, não vejo razão para não desclericalizar a função de nuncio.

Não estou a ver o que o estado clerical vem acrescentar ao exercício desta função. Não se trata, com certeza, dum grau de santidade extra!

Creio que o papa Francisco devia considerar a possibilidade de abrir esta função a homens e mulheres leigos, como parte da batalha contra o clericalismo.

Os nuncios desempenham um papel importante na nomeação dos bispos, e é desejável que os leigos também estejam envolvidos neste processo.

Num discurso ao clero, há não muito tempo, o papa Francisco fez os seguintes comentários a respeito dos leigos: “Portanto, devemos reconhecer que o leigo, dada a sua realidade, a sua identidade, pelo facto de estar imerso no coração da vida social, pública e política, por ser partícipe de formas culturais que se geram constantemente, precisa de novas formas de organização e de celebração da fé”.

Para ser um bom nuncio apostólico, basta amar a Igreja, ter uma boa formação teológica e canónica, e ter as aptidões diplomáticas necessárias.

Ora, isto não parece ser uma prerrogativa clerical.

memória



9 de Maio de 1978 – Assassinato de Aldo Moro

O cadáver do dirigente democrata-cristão foi encontrado no porta-bagagens de um Renault-4, estacionado a meio caminho das sedes centrais da Democracia Cristã e do Partido Comunista Italiano. O aparecimento do corpo pôs fim a um sequestro de 55 dias reivindicado pelas Brigadas Vermelhas (BV),

organização que muitos classificam de «fascista disfarçada de extrema esquerda». A recusa do governo italiano em negociar com os raptores, levando ao trágico desfecho, está por esclarecer. O que se apurou em quatro décadas revela uma obscura trama em período de Guerra Fria envolvendo, para além dos autores materiais do crime, a Loja Maçónica P2, serviços de espionagem, ligação das BV à Gladio (força paramilitar treinada pela CIA para prevenir um eventual golpe comunista em Itália). «Moro tinha muitos inimigos, entre eles os que não aprovavam sua política de diálogo, contrários ao 'compromisso histórico' com os comunistas, também dentro da Nato e nos serviços secretos italianos», escreve o historiador Philippe Foro. Steve R. Pieczenik, ex-membro do Departamento de Estado dos EUA enviado nesses dias a Itália, confirma: «Até o final, temi que eles libertassem Moro». Ou como disse o escritor Leonardo Sciascia, «eles fizeram tudo o que podiam para evitar salvá-lo».